

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Um assunto enorme, mas pincelado, aceitas?

Ana Andrade
anaandrade094@gmail.com

Como uma pessoa que gosta de se vestir em harmonia, se sentir bem, e fazer disso um momento criativo, estou em constante observação às tendências e comportamentos. Não para segui-las, mas acho importante reparar no que me rodeia, ainda mais quando lembro que é, também, uma forma de expressão. Sempre gostei de ‘falar’ com as minhas atitudes. Os 30 mais se lembram do que acontecia na moda lá pelos anos 1990/2000, só quem viveu sabe. As roupas de cintura baixa, os tops justos, shorts bem curtos, o filtro exposto que dizia nas entrelinhas “tem um corpo específico para caber aqui”.

A indústria propagava o padrão de beleza, diga-se de passagem, bem distante do corpo real das milhares de mulheres, às quais eram afetadas por não atingirem o que viam diariamente nas bancas de jornais, TV, filmes, letras de música etc. Capas de revistas exibiam

seus “Emagreça 7 kg em uma semana”, “Estrias, disfarce este mal!”, “Sou feliz com o meu corpo” capa estampada por Priscila Fantin, ora só, uma mulher magra?! Uma gama de insegurança propagada de naturalmente e acessível, fisicamente, para muitas, psicologicamente, para poucas.

Pincelando sobre a ascensão do movimento Corpo Livre em 2017/2018, que ganhou força pela diversidade de corpos e pela ênfase dada ao processo de autoaceitação, se viu com as suas bases tremelicando, visto que magreza e moda seguem juntas e que o padrão para ocupar e vestir continuam os mesmos, anos e anos depois, fazendo tantos de refém (parece que nada mudou). Há quem diga que perdeu espaço, porém, é possível enxergá-lo respirando por aparelhos.

Corpo não padrão + moda = não combina, talvez você ache nos fundos de uma loja algumas peças. A indústria da beleza lucrou e lucra até hoje. O retorno precisa ser ligeiro demais e sabemos muito bem que a inSatiSfação é muito rentável.

Ainda a violência contra a mulher

Julio Celestino
juliocelestino@gmail.com

O aumento desenfreado da violência contra a mulher no Brasil resulta de um conjunto de causas profundamente enraizadas na estrutura social. A principal delas é a cultura machista e patriarcal, que ainda educa homens para dominar e mulheres para obedecer, naturalizando o controle sobre o corpo e as decisões das mulheres. Nesse sentido, a filósofa Judith Butler contribui para compreender o problema ao mostrar que o gênero não é um dado natural, mas uma construção performativa, reafirmada por repetidos padrões sociais; quando uma mulher rompe essas normas impostas, quase sempre sofre punição violenta como forma de reimpor a ordem esperada. Essa dinâmica é reforçada pela impunidade histórica dos agressores e pela descrença das vítimas de que denunciar trará proteção real, o que perpetua o silêncio e o medo.

Esse machismo estrutural se

manifesta primeiro nos abusos em família, onde o poder do agressor sobre esposas e filhas é exercido por meio de humilhações, ameaças e controle financeiro, disfarçado de disciplina ou zelo. No trabalho, igual lógica origina o assédio moral, expresso em piadas e desqualificação profissional que mantêm a mulher em posição subalterna. Quando a permissividade não encontra limites, evolui para a violência física e sexual, senão para a morte, alimentada pelo ciúme possessivo e pela dependência econômica que prende vítimas a relações abusivas. No extremo dessa escalada estão os feminicídios, causados pela recusa do agressor em aceitar a separação e pela sensação doentia de posse sobre o corpo da vítima. Somam-se a isso a naturalização da violência pela mídia e a falta de educação para a igualdade de gênero desde a infância, fatores que, somados à lógica de vigilância dos corpos descrita por Butler, explicam em grande medida por que os índices de agressão contra a mulher seguem crescendo no país.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

Inteligência?

Jansen Viana
Bancário, escritor, dramaturgo, poeta, roteirista, chargista, cronista

Ele passou na prova da OAB com nota máxima. Com fortes indicações, também deixaram-no fazer o Revalida, aquela prova que médicos formados em universidades estrangeiras fazem para ter o diploma reconhecido no Brasil. Acertou todas as questões: cem por cento.

Ele tem seis anos.

Ele escreve, lê e fala, com fluência, português, mandarim, inglês, espanhol, aramaico, latim, norueguês, francês, hindi e guarani. Vou parar por aqui, porque já foi testado em milhares de línguas e dialetos.

Ele tem somente seis anos.

Cientistas das maiores universidades do mundo fizeram-lhe perguntas sobre filosofia, literatura, cinema, arquitetura, história geral, economia, física, química e outras ciências, e ele respondeu a todas com exatidão. Todas.

Ele tem apenas seis anos.

Aos cinco anos, foi submetido a uma cirurgia experimental na China. Nenhum país, nenhum pai, nenhuma mãe liberaram seu filho para esse experimento. Mas Zé Mané, brasileiro, viúvo, entregou seu único filho a uma universidade.

Instalaram em seu cérebro nanochips, nanoprocessadores e uma conexão autônoma à internet, interligados aos seus neurônios. Uma junção de inteligência artificial com inteligência humana. Ele é capaz de acessar toda a informação e todo o conhecimento disponíveis na nuvem, além de processá-los com incrível rapidez. Conhece tudo de teoria musical e táticas de vários esportes olímpicos. Do lado de fora da piscina, é capaz de dar as melhores aulas de natação; do lado de fora das quadras, pode ensinar ginástica olímpica e patinação com perfeição. Mas, e se lhe entregarem um violão? Se lhe calçarem chuteiras, tênis ou um par de patins?

O ano é 2032.

Ele, uma criança, de seis anos.



Carta para Lisboa, do fado, ao mar

Vitor de Carvalho
Poeta e escritor

E, ao ouvir aquela voz feminina, como um anjo, a cantar o Fado, embalada pelo som da guitarra portuguesa, invade-me os pensamentos, como se eu já estivesse em algum momento na cidade de Lisboa, e esta sensação, deixa-me surpreso, admirado. Com arrepios, pergunto-me a mim mesmo se em outra vida, não foi este o meu lugar?

Observo os casarões antigos com os azulejos. Consigo descrever com exatidão o que há em minha volta. A bandeira com seus símbolos, os versos que se traduzem naquela canção, no rapaz, ali, naquele banco, lendo Fernando Pessoa.

Tudo me é familiar e reconhecível.

O português de Camões falado pelos habitantes e os bondes amarelos passando pelas ruas estreitas. Os homens bem vestidos com ternos e chapéus, nas mesas com o vinho do porto.

Eu, parado, na praça do Comércio, onde em minha

frente está o Arco do Triunfo, sinto ali, uma sensação de encontro com as minhas origens. É uma vivência extraordinária. Se de fato existe vidas passadas, talvez tenha sido essa a minha, em um tempo bem distante.

Nos meus sonhos, vou e volto. Não se explica essa sensação tão forte de reconhecer ruas onde jamais estive, mas que, de certo modo, está comigo de maneira tão real e verdadeira.

Lá longe, ao mar, do outro lado do oceano, está ela, Lisboa, como se estivesse por mim a esperar, ainda desde tempos remotos, como se algo sempre me levasse até lá.

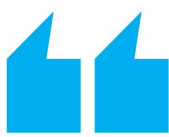
E haja o que houver, ela segue em meu pensamento, como uma memória viva, e presente, que toma forma todas as vezes em que penso na magnitude de seu mar, quando ouço a tão doce e sublime voz de Amália Rodrigues, que provoca em mim a nostalgia de um outro tempo, onde não há barreiras linguísticas, nem culturais.

Talvez eu tenha mesmo uma alma lusitana.

Aproximam-se as eleições

Benevides Machado de Carvalho
Agrônomo

Os partidos políticos, em ação
Indicando os seus candidatos
Pedindo o apoio da população
E cada legenda, com seus relatos.
Alguns candidatos, em boas condições
Outros, entre péssimos adjetivos
Colocando a ética, em confrontações
Mostrando um sistema, cheio de negativos.
Cada um, com seu sorriso maroto
Querendo se fazer de inocente
Porém, na seara política, um forte gafanhoto
E das emendas, um guloso pretendente.
Da Edilidade ao Presidencial
Em nada, existem diferenças
A gana pelo poder, como principal
Sofrendo das mesmas doenças.
As promessas vão surgindo
Contrariando feitos do passado
Citando verdades e/ou mentindo
Pondo o presente, no contrariado.
A política, é útil e necessária
Quando voltada aos anseios da população
É considerada uma ampla luminária
Excluindo a sociedade, da escuridão.
O apoio financeiro aos políticos
É uma faca de dois gumes
Com aqueles, volteados de pruridos
Alimentando a democracia, de maus costumes.
É assim, que o Brasil está andando
No cenário político nacional
Certos políticos, falcatruas armando
Substituindo braquiária pelo inútil bamburral.



Alguns candidatos, em boas condições
Outros, entre péssimos adjetivos
Colocando a ética, em confrontações